

O ROMANCE *DESDE QUE O SAMBA É SAMBA*: INTRODUÇÃO DA LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Autor (1) Líbia Leaby Leite Barbosa; Co-autor (2) Rosilda Alves Bezerra.

1. Universidade Estadual da Paraíba.
2. Universidade Estadual da Paraíba.

Resumo: As heranças africanas para formação histórico-cultural da sociedade brasileira são pouco abordadas nas instituições educativas do Brasil, uma vez que estas ainda mantêm o modelo eurocêntrico de ensino o que dificulta a introdução de tais elementos em seus currículos. Diante disto, elaboramos uma proposta interventiva para ser desenvolvida em uma turma do 9º ano do ensino fundamental, baseada na Sequência Básica de Rildo Cosson (2012), na qual desenvolveremos atividades de leitura, interpretação e escrita tendo como base a análise do romance *Desde que o samba é samba*, de Paulo Lins (2012). A referida obra promove a ampliação do debate acerca das ideologias que permeiam as relações étnico-raciais e suscita no leitor o olhar crítico para o desvelamento da posição do negro na formação da nossa sociedade. A proposta tem como objetivo a valorização, reconhecimento e introdução dos aspectos históricos e culturais de ascendência africana nas aulas de Língua Portuguesa e a formação de leitores mais críticos e atuantes. Está fundamentada em Cuti (2010) que trata das manifestações na literatura negro-brasileira, em Munanga (2005), Santos (2016) cujas investigações estão voltadas para questões étnico-raciais e práticas inclusivas no contexto escolar, entre outros pesquisadores. As atividades aqui sugeridas visam a reformulação de conceitos e a desmistificação do papel do afrodescendente na história e cultura do país, gerando assim respeito pelas diferenças e a busca por equidade.

Palavras-chave: Letramento literário, Literatura negro-brasileira, Ensino.

Introdução

Ao longo de toda a história do Brasil, os produtos culturais e artísticos advindos das minorias sociais como negros, índios, mulheres, entre outros, foram marginalizados e folclorizados, pois as ideias de cultura e arte sempre estiveram associadas aos padrões europeus. No que diz respeito à literatura, os textos produzidos por essas camadas da sociedade representavam uma ameaça ao sistema dominante, uma vez que, ao tomar a palavra, os sujeitos marginalizados poderiam resistir e contestar o que lhes era imposto. Desta forma, o dominador buscou ocultar tais representatividades para que assim fossem evitadas quaisquer insurreições.

Voltando-nos para o acervo literário produzido no Brasil acerca dos afrodescendentes, Proença Filho (2004) ressalta que estes assumem duas condições: a do negro como objeto, sob uma visão distanciada, e a do negro como sujeito com uma atitude compromissada. A primeira está relacionada às obras que trazem a figura do afrodescendente pela óptica das atitudes, ideologias e estereótipos da classe branca dominante. A título de exemplificação de tal estética, podemos citar a figura de Bertoleza no romance *O cortiço* de Aluísio Azevedo em que a referida personagem traz traços de subserviência e inferioridade. A segunda concepção está relacionada aquele que consegue transcender, por meio de manifestações discursivas engajadas, o espaço que lhe é conferido e assim comprometer-se com a sua etnia, como podemos observar em *Axés do sangue da esperança*, de Abdias Nascimento, em que são ressignificados rituais e mitos da cultura negra.

Sob essa segunda ótica surge o conceito de Cuti (2010), literatura negra brasileira, produto de uma população negra fora do continente africano, que possui características próprias, princípios significativos relacionados à população formada por negros no Brasil e tem como língua oficial o português brasileiro. Tais características podem ser observadas no acervo literário de Paulo Lins (2012), principalmente no romance “Desde que o Samba é Samba” em que promove a ampliação do debate acerca das ideologias que permeiam as relações étnico-raciais e suscita no leitor o olhar crítico para o desvelamento da posição do negro na formação da nossa sociedade. Diante disto, elaboramos uma proposta interventiva para ser desenvolvida em uma turma do 9º ano do ensino fundamental, baseada na Sequência Básica de Rildo Cosson (2012), na qual desenvolveremos atividades de leitura, interpretação e escrita tendo como base o referido romance, tendo como objetivo a valorização, reconhecimento e introdução dos aspectos históricos e culturais de ascendência africana nas aulas de Língua Portuguesa e a formação de leitores mais críticos e atuantes.

O presente artigo está estruturado em três partes, sendo a primeira relativa à introdução, a segunda aos aportes teóricos que o fundamentam, a terceira se relaciona à proposta de intervenção, por fim, tecemos nossas considerações finais seguidas das referências.

O Samba: produto de identificação e resistência Negra

O Samba é um gênero musical cujos primeiros elementos característicos surgiram no século XIX referentes aos batuques¹ trazidos da África para o Brasil. Nesta época, o ritmo era estigmatizado no país como “música de negros escravos, associada a ritos e a uma religião ‘primitiva’”. (GUIMARÃES, 1998, p. 18).

De acordo com Borges (2006), a palavra “Samba” possui uma genealogia diversificada. Para os *quiocos* de Angola, é um verbo que significa cabriolar, brincar, divertir-se como um cabrito; já os bacongos angolanos e congueses definem como uma espécie de dança em que o dançarino bate o peito contra o outro. Alguns estudiosos fazem relação da palavra em questão com o verbo quimbundo “Semba” (rejeitar, separar), que faz referência ao movimento físico produzido pela umbigada² e caracteriza danças dos povos bantos³. Para Lopes e Simas (2015, p 236) é importante considerar também que “na mesma língua, outra acepção do verbo *semba*, que é a de “galantear, agradar, encantar”, corresponde, no quicongo, a um verbo homógrafo e homófono, traduzido como “reverenciar, honrar” etc.”, ou seja, difere significativamente.

De acordo com Lopes (2005, p. 02), os povos bantos foram os responsáveis pela “introdução, no continente americano, de múltiplos instrumentos musicais como a cuíca ou puíta, o berimbau, o ganzá e o reco-reco, bem como pela criação da maior parte dos folguedos de rua até hoje brincados nas Américas e no Caribe” e trouxeram para a música brasileira as bases do samba e as variadas manifestações que lhes são afins.

A importação dos bantos e Iorubanos para a Bahia foi responsável pela relevante influência histórica que caracterizou o vasto acervo cultural do Estado, principalmente em Salvador e no Recôncavo Baiano. “A violenta repressão motivada pela grande Revolta dos Malês, em 1835, e depois, a Guerra do Paraguai (1864-1870) contam-se entre os fatores que motivaram o surgimento de uma comunidade baiana na cidade do Rio de Janeiro, a capital do império”. (LOPES; SIMAS, 2015, p 24). Dessa comunidade, chamada de Pequena África, nasceram os primeiros terreiros cariocas e fluminenses de Candomblé e, a partir daí, em território baiano, desenvolveu-se o samba carioca.

O gênero foi sofrendo influências de outras produções populares musicais e, nas primeiras décadas do século XX, apresentava “uma série de variações em torno do ritmo fundamental de 2/4: batucada, batuque, samba-canção e sambachoro.” (TINHORÃO, 1997, p

¹ “Termo aplicado tanto à percussão executada por tocadores de tambores quanto, genericamente, a qualquer dança praticada ao som dessa percussão”. (LOPES; LUIZ, 2015, p 37)

² Figuração coreográfica constante nas danças dos povos bantos ocidentais, de Angola e arredores. (Idem, p 280)

³ “Conjunto de povos localizados principalmente na região do centro-sudeste do continente africano. Indivíduos dessa origem, em especial os embarcados nos portos de Cabinda, Luanda e Benguela, representam cerca de dois terços dos enviados para as Américas como escravos entre o século XV e XIX.” (Idem, p 29)

20). Segundo Borges (2006, p. 02), “poetas como Arinos e músicos como Pixinguinha, Donga e João Pernambuco foram importantíssimos no seu processo de afirmação como tema carnavalesco”.

Guimarães (1998, p. 31) argumenta que devido “o advento da indústria, que tem como fenômeno correlato o crescimento da indústria fonográfica e desenvolvimento dos novos meios de comunicação, notadamente o rádio” o samba pôde tornar-se um símbolo nacional.

Em meio a um cenário de inferiorização da cultura afro-brasileira e de uma política de branqueamento da população do país, o samba era uma das únicas expressões de massa que buscava transcender o racismo atuando como espaço para que seus marginalizados criadores alcançassem aceitação social. Segundo Lopes e Simas (2015, p. 12) o direito de exercício do ritmo jamais foi tranquilo, ele foi, e ainda é, alvo de subestimação, porém

tanto no plano artístico quanto no social, o samba surpreende por seu poder de resistência à permanente pressão derogatória de que é objeto. E a evidência dessa força está em sua renovação constante e sua aptidão de assimilar valores de outras origens, tomando-os para si, incorporando-os como acréscimo de força e jamais como perda e identidade.

No romance “Desde que o Samba é Samba”, Paulo Lins retrata toda a trajetória da criação do ritmo preservando os elementos culturais afro-brasileiros e buscando ressignificar tais aspectos por meio da reformulação e reinvenção de sentidos em que o sujeito negro tem possibilidade de afirmar sua identidade e resistir, por meio da palavra, aos limites impostos.

Proposta de intervenção

A sequência básica planejada por Rildo Cosson (2014) foi idealizada para trabalhar o letramento literário no ensino fundamental. Ele propõe quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. O primeiro consiste na motivação a qual propiciará o interesse, a curiosidade, entre outros sentimentos, para o encontro entre o leitor e obra. A segunda etapa corresponde a “apresentação do autor e da obra” (p. 57), na terceira, o professor precisa viabilizar formas prazerosas e atraentes de leitura das produções, e por fim, na quarta fase é necessário explorar os implícitos e explícitos, a fim de que o educando seja capaz de fazer inferências “para chegar a construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (p. 64).

O estudioso não aponta uma forma fixa de seguimento das etapas acima descritas, ele afirma que é

possível misturar a leitura com a interpretação, a motivação com a introdução, sempre de acordo com as necessidades e características dos alunos, do professor e da escola. O que não se pode perder de vista é a ideia de conjunto ou de ordenamento necessários em qualquer método. (COSSON, 2014, p- 72)

Abordamos suas etapas, adaptando-as de acordo com o contexto apontado, tendo como base o Romance “Desde que o Samba é Samba”, de Paulo Lins. Como motivação, faremos a apresentação de vídeo em que o cantor César Menotti fala que o “Samba é coisa de bandido” no programa Altas Horas e , em roda de debate, discutiremos tal conceito. Na introdução, realizaremos a apresentação de alguns dados da obra e do autor em questão em slides. Na etapa de contextualização realizaremos a apreciação da canção “A voz do morro”, de zé Keti, e discussão para contextualização do gênero musical *Samba*. A leitura será realizada de forma extraclasse com o prazo de 08 dias, a interpretação se dará por meio de discussões acerca da temática abordada em sala, e em grupo de Whats app sobre debateremos sobre o gênero *romance*. Como forma de exteriorização compreensão, solicitaremos a produção de vídeos para serem divulgados em um canal no youtube em que os alunos realizarão “feat” com Youtubers influentes na região.

As atividades aqui sugeridas levam as instituições de ensino reconhecerem as contribuições do povo negro nas esferas sociais brasileiras e viabilizar maneiras de desconstruir os conceitos que impedem de trazê-las para dentro de seus muros.

Diante disto teremos a oportunidade de refletir acerca da posição do professor, o qual precisa desempenhar papel fundamental nesse processo e, para que o ensino aconteça de forma inclusiva, é necessário que ele realize buscas contínuas de conhecimentos que proporcionem uma interação entre suas práticas, o contexto social e as contradições que o permeiam, para que assim, consiga abordar os aspectos da vida em sociedade. (MIRANDA, 2012)

Munanga (2005, p. 15) acredita que a grande maioria dos docentes ainda não desempenha esse papel porque estes profissionais não estão preparados para abordar tais questões em sala de aula, isso acontece por falta de formação adequada, ou pelo fato de manterem o preconceito racial arraigados em si. O estudioso argumenta que esses professores

Na maioria dos casos, praticam a política de avestruz ou sentem pena dos “coitadinhos”, em vez de uma atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos

humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada em detrimento de sua própria natureza humana.

O autor aponta outro entrave na inserção de práticas inclusivas na escola, que seria a falta de material didático propício para tal finalidade. Ele ressalta que nossos instrumentos de trabalho, isto é, “os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental”. (MUNANGA, 2005, p. 15).

É preciso ter cuidado para que não nos tornemos propagadores de concepções excludentes e para que isso aconteça “a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima”. Isto requer de nós engajamento e esforço interno que resultem em práticas que contribuam para a constituição da democracia racial tão almejada por todos que lutam por uma sociedade mais consciente e antirracista (BEZERRA, 2015).

Faz-se necessário promover meios que garantam a valorização, a permanência e o sucesso escolar dos alunos afrodescendentes para que eles possam integrar o lugar que lhes é de direito no âmbito social. Tais ações demandam “o desmonte do racismo” (SANTOS, 2016, p. 18), o responsável por crenças equivocadas, que classificam os seres humanos, superiorizando uns e inferiorizando outros.

A educação é um dos ambientes mais importantes para que suscitem possibilidades de transformação dos julgamentos que social, cultural e historicamente se estabeleceram no nosso país acerca do legado africano. Munanga (2005) considera que não existe uma receita pronta para que se desestabilizem tais conceitos, o que devemos fazer é implementar em nossa prática atividades educativas e pedagógicas inovadoras bem planejadas.

Considerações finais

Por meio das ações aqui sugeridas concluímos que repensar sobre a responsabilidade de viabilizar formas de ampliação do conhecimento e interação com o meio social é uma atividade que se faz cada vez mais necessária no âmbito educacional. Se nos dispusemos a pesquisar, buscar novos conhecimentos, nos debruçar sobre novas perspectivas, conseguiremos, sem dúvida, obter bons resultados em nossas salas de aula, por conseguinte, no meio social como um todo. Sabemos que não é uma tarefa fácil, mas se trabalharmos em conjunto e acreditarmos que nossa realidade é passível de modificações conseguiremos

reestruturá-la.

É possível, por meio de práticas significativas, permitir que os educandos se tornem sujeitos pensantes autônomos e construtores de saberes que se posicionam como agentes de mudança e fazem uso da palavra para reformular espaços socialmente estabelecidos. O trabalho com o Romance “Desde que o Samba é samba”, planejado e organizado com base na Sequência Básica, possibilita a sensibilização em torno de questões culturais, identitárias e históricas voltadas para o sujeito Negro e a criticidade acerca de práticas excludentes, não só dos alunos envolvidos na pesquisa como também da comunidade escolar.

Sabemos que as atividades aqui sugeridas não extirparão completamente o racismo da instituição em que serão trabalhadas, mas afirmamos que elas serão uma grande iniciativa para que a temática alcançasse uma boa percepção naquele ambiente. Nossa proposta foi apenas uma das inúmeras possibilidades de abordagem de questões étnico-raciais nas práticas educativas, o professor precisa estar sempre disposto a viabilizar novas alternativas que contribuam no processo de aprendizagem e socialização.

Acreditamos que este estudo possa abrir caminhos para que outros métodos sejam pensados em favor de uma educação mais igualitária e inclusiva, suscitando assim, ações relevantes para o rompimento dos moldes de ensino que não cooperam para a valorização dos elementos da cultura e da história africana e afro-brasileira no nosso país.

Referências

BEZERRA, Rosilda Alves. Literatura Afro-brasileira e/ou Negro-brasileira na sala de aula: leituras do texto literário. In: MELO, Carlos Augusto de; SANTOS, Luciano Alves. (org). *Letramento literário e formação do leitor: desafios e perspectivas do PROFLETRAS*. João Pessoa – PB: Editora da UFPB, 2015.

BORGES, Gilberto Andre. *Origens do Samba*. Florianópolis, 2006. Disponível em www.musicaeeducacao.mus.br <acesso em 05/06/2018 às 17:13>

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araujo. *A globalização e as novas identidades: o exemplo do Rap*. In: *Perspectivas*, São Paulo, vol. 31, p. 169-186, jan./jun. 2007

LINS, Paulo. *Desde que o samba é samba*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2012.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Dicionário da História Social do Samba*. - 1. Ed - Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2015.

SANTOS, Joel Rufino dos. *A questão do negro na sala de aula*. São Paulo: Global, 2016.

MIRANDA, Maria das Graças. *Produção didática pedagógica: lei 10.639/2003 e a resistência na escola*. 2012. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_unioeste_hist_pdp_maria_das_gracas_miranda.pdf < acesso em 07/06/2018 às 21:30 >

MUNANGA, Kabengele (org) . *Superando o racismo na escola*. 2º Ed . [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005

PROENÇA FILHO, Domício. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. Estud. av., São Paulo , v. 18, n. 50, p. 161-193, Apr. 2004 .Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em : 10 de junho de 2018

TINHORÃO, José Ramos. *Música popular: um tema em debate*. – 3 ed. – São Paulo: Editora 34, 1997